



Os valores morais de uma profissão

José Geraldo de Freitas Drumond¹

¹Presidente da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, Minas Gerais, Brasil

Drumond, J. G.; (2006). **Os valores morais de uma profissão** 2(3): 192-200

data de submissão: 21-06-2006

data de aceitação: 20-07-2006

Introdução

O vocábulo “profissão” é originariamente de conotação religiosa e significa “profissão de fé” ou “professar” uma religião (do latim: *profiteor, profiteri, professus su*, que significa voto público, fazer uma promessa pública, declarar publicamente um compromisso de fazer o bem a outros ou *bene facere*).

Professar (ou confessar) é sinônimo de disponibilizar-se para um determinado serviço, consagrar-se a uma atividade. Assim, desde o início da humanidade foram desenvolvidos alguns serviços imprescindíveis à sociedade, como a consagração (profissão) aos serviços religiosos, aos cuidados da família, à administração da justiça e à atenção aos enfermos.

Desde então, conceitua-se como profissional alguém consagrado a uma causa de grande transcendência social e humana. Por seu turno, a sociedade exige correção e retidão no desempenho deste mister, daí que outorga a estes cidadãos determinados privilégios como uma forma de retribuição por “consagrarem” a sua vida para servir esta mesma sociedade.

Assim, quando pessoas que assumem a responsabilidade de executar funções relacionadas com as dimensões mais sagradas da existência, como a religião, a justiça e a saúde não atuam de forma a respeitar a ética inerente à sua profissão ou função, a sociedade como um todo se torna diminuída em seus valores morais.

Por outro lado, a evolução dos costumes e os desenvolvimentos do conhecimento humano através da ciência e da tecnologia, fizeram com que as relações sociais se tornassem mais complexas, demandando o aparecimento de outras atividades, funções e profissões e, para exercê-las,

novos profissionais.

Profissão é, pois, uma atividade humana específica que surge em razão de uma necessidade social, para a qual deve estar voltada com a missão fundamental de colaborar para o bem-estar coletivo, o equilíbrio e a paz social.

Para James Drane (2004), profissional é “alguém que faz promessa pública de trabalhar para outros e é essencial para a sociedade”. Assim, as suas características estariam assim definidas:

1- Proporcionam serviços públicos essenciais para o bem comum.

2- É considerada uma vocação, mais que simplesmente um trabalho.

3- Para ser exercida, tem como pré-requisito um treinamento prolongado e especializado em uma universidade. A educação adquirida na universidade inclui tanto conhecimentos teóricos como uma prática concreta.

4- O controle para se ingressar a uma profissão é exercido através de uma licença. Deve-se ter uma licença específica para praticar uma profissão.

5- Os conselhos de admissão estão formados por membros da profissão.

6- As profissões elaboram seus próprios códigos e padrões éticos.

7- As leis concernentes à profissão são idealmente influenciadas pela própria profissão. Por exemplo, os conselhos profissionais geralmente avaliam demandas de má prática antes de serem julgadas publicamente.

8- Os profissionais desfrutam de autonomia na oferta de serviços.

9- Aqueles que pagam por serviços (usuários) não controlam ou não tem autoridade sobre eles.





10- Uma profissão trabalha com normas éticas de alto caráter objetivo e com obrigações morais altamente subjetivas.

A definição dos respectivos direitos e deveres de uma profissão, bem como a delimitação de sua área de atuação em relação às demais profissões, são as condicionantes para o preenchimento dos requisitos pessoais e técnicos daqueles que se dispõem a exercê-la.

O fato de se deter um conhecimento técnico e uma prática especializada não é o bastante para se ter uma atuação profissional adequada, porque o conhecimento não é um fim em si mesmo, por mais especializado que seja, mesmo quando destinado a atender a um determinado interesse social. Para além da técnica e da prática especializadas impõe-se um terceiro e atributo, que é a atuação profissional no seio da sociedade.

Talcott Parsons (1964), representante da escola sociológica tradicional, define profissionais como sendo aqueles que têm o “controle e domínio de um determinado campo do saber, sob a primazia da racionalidade cognitiva e orientados para a aplicação do conhecimento a problemas práticos”.

As conceituações modernas enfatizam mais as estruturas sociais emergentes, ressaltando-se a base cognitiva necessária a um profissional, destacando o “ethos” na prestação de serviços e na auto-regulação da profissão.

Parsons – que desenvolveu suas pesquisas junto aos médicos por considerar a Medicina uma profissão paradigmática – entende que as profissões podem ser definidas com base em quatro características: universalidade, especificidade funcional, postura objetiva e um objetivo comunitário. A universalidade responde à exigência da sociedade para que o profissional trate os seus membros de igual modo, sem discriminação. A especificidade funcional caracteriza o perfil da profissão para uma determinada atividade, conferindo autoridade e prestígio social a quem a exerce. Além

disso, o profissional deve, ainda, atuar com objetividade para obter uma neutralidade afetiva e se desincumbir adequadamente de seu mister. Por fim, a profissão é uma exigência e uma necessidade social, devendo estar sempre voltada para a coletividade, beneficiando-a. É dever de um profissional cumprir os misteres de sua profissão, até mesmo em situações economicamente desfavoráveis, disponibilizando os seus serviços desde que solicitado.

Entretanto, é o componente moral de uma profissão que, de fato, lhe propicia todo o relevo social, pois representa a aplicação da reflexão do saber e do saber-fazer em benefício da coletividade. Quem assume tal caráter certamente desenvolve a consciência dos limites da sua profissão ao perceber que nem tudo aquilo que é tecnicamente possível realizar, resulta necessário e legítimo. O exercício permanente da reflexão sobre os valores humanos e sociais é o que desenvolve a consciência dos limites pessoais e profissionais, permitindo-se que cada qual seja avaliado sob a égide de princípios e normas morais.

Paul Starr (1991), utilizando o método da abordagem histórico-social das profissões, corrobora os conceitos de auto-regulação e capacitação, que se acham baseados em conhecimentos técnicos e especializados. No entanto, as profissões são definidas muito mais em razão dos serviços que prestam à sociedade do que propriamente de seus interesses pecuniários, ainda que, em geral, estejam balizadas por um código de ética.

Um ato profissional perfeito deve estar submetido a três requisitos: propriedade, justiça e adequação. Uma ação profissional apropriada é aquela que se acha em conformidade com a técnica (“*Tekhne*” dos gregos) e própria para uma determinada situação, como determina a sua arte (“*Lex artis*”). Além disso, esta ação deve ser intrinsecamente benéfica (ou adequada) para quem é destinada e resultar socialmente conseqüente (justa).





Os valores morais de uma profissão

José Geraldo de Freitas Drumond

Mas nem sempre aquilo que é próprio ou intrinsecamente bom será necessariamente justo, do ponto de vista da moral social. Daí porque, no exercício de uma profissão, é cada vez mais frequente o enfrentamento de demandas resultantes de determinados atos profissionais, devido a situações contraditórias ou conflitantes em relação às normas legais e morais, em face dos interesses do cliente. Isto se dá porque toda atividade profissional envolve um conjunto de decisões pessoais, transações, articulações de interesses, expectativas e satisfações.

Uma ação profissional tem como resultado a convergência final destes diversos e dinâmicos fatores que interagem com os fatores imanentes daqueles que são os sujeitos de uma intervenção especializada.

Uma ruptura neste equilíbrio dinâmico pode resultar numa desarmonia das relações do profissional com o cliente, o que certamente repercutirá na sua imagem pessoal e no conceito da profissão perante a sociedade.

Para se exercer uma profissão se exige um determinado caráter, uma predisposição ou uma vocação que não se restringe às possíveis qualidades técnicas, senão que incorpora convicções pessoais e uma consciência social de quem nela vai atuar.

Uma profissão, para ser adequadamente praticada, deve estar fundamentada em três pilares simétricos: a técnica, o aprimoramento profissional e a ética.

A técnica é resultado da formação científica e cultural, originada de um conhecimento específico ou particular da ciência, que se denomina a “*Lex artis*” profissional.

O aprimoramento profissional vincula-se à atualização permanente da técnica, cuja atualização é demandada de modo continuado em razão dos avanços do conhecimento científico e da própria técnica.

A ética profissional configura-se como um conjunto de valores humanos adotados por uma

sociedade e aplicados especificamente à prática de determinado ofício. Como bem refere Maria Patrão Neves (2003), nenhuma profissão existe para os seus membros; todas existem para servir uma diferente necessidade que, uma vez devidamente satisfeita, a tornará merecedora da confiança da sociedade.

Os valores humanos são imprescindíveis para a vida, pois não se vive sem valorizar ou estimar as coisas. Valorar é uma condição da essência humana. Por isso, as decisões profissionais devem levar em conta os valores humanos, já que estes sempre interferem naqueles. Assim sempre estará errada a decisão baseada apenas em fatos, porque não será uma decisão humana. Uma decisão humana só será correta, repetimos, se levar em consideração a conjunção de fatos e valores humanos.

As realidades humanas possuem valores próprios, que se referem, por exemplo, a bem-estar ou a mal-estar, à saúde ou a doença, à vida ou à morte. São os chamados valores vitais ou inerentes ao ser vivo.

Além disso, os seres humanos apresentam valores espirituais, próprios da pessoa, que podem ser categorizados em valores lógicos (como a verdade ou o erro), estéticos (como o belo e o feio) e os valores morais (bom e mau, correto e incorreto).

Há vários sistemas de valores, conforme a tradição cultural de um povo. Assim, os anglo-saxões têm uma filosofia de liberdade e veracidade vinculada à luta e à busca da vitória a qualquer preço, com o conseqüente desprezo aos derrotados. Para eles a verdade está na diferença entre bons e maus, entre vencedores e perdedores, pois só os vencedores alcançam o paraíso.

Os povos asiáticos, representados pelos japoneses, estabeleceram três abordagens para os valores: a xintoísta, a confucionista e a budista. A primeira reforça as virtudes da fidelidade e da obediência; a segunda prega o consenso e relações sociais





de respeito mútuo, a não violência, a persuasão, a busca da harmonia e prevenção do conflito; enquanto o budismo prioriza o bem da coletividade acima dos desejos individuais.

Já os povos latinos têm os seus valores baseados na tradição mediterrânea. Foi no Mediterrâneo, mais propriamente na Grécia, que nasceu a ética ocidental, cujo sistema de valores é anterior ao próprio cristianismo. A ética mediterrânea exhibe uma linguagem de expressão do bem e do mau, da virtude e do vício, diferentemente da ética anglo-saxônica, cuja linguagem se refere a direito e poder.

Virtude é um traço do caráter humano socialmente valorizado, enquanto a virtude moral é aquele aspecto moralmente valorizado. A virtude moral consiste na disposição ou no hábito de agir de acordo com princípios, normas ou ideais morais. Virtudes são, pois, qualidades ou excelências morais, importantes para distinguir um profissional com atributos de caráter, indispensáveis para uma adequada atuação, especialmente para aqueles que se dedicam a servir em áreas que têm aplicação direta na saúde ou na qualidade de vida do homem.

Hoje, diante do desapego da sociedade pós-moderna aos valores espirituais e dos profissionais àqueles próprios de sua especialização, consequência da competição desenfreada propiciada pelo mercado de trabalho globalizado, cada vez mais estreito em decorrência do número de profissionais e pela ampliação da área do conhecimento que, por sua vez, leva ao aparecimento de novos profissionais para atender a multidisciplinaridade das profissões hodiernas, surge o apelo à prática da ética da virtude e ao cultivo dos valores morais.

É importante identificar qualidades morais que possam robustecer o compromisso social da profissão e, ao mesmo tempo, estabelecer contraponto com as qualidades morais da própria sociedade, que as expressa por meio de seus cida-

dãos, ao procurar os serviços do especialista.

Para o profissional tais qualidades podem ser inúmeras, mas, a título de contribuição, distinguiremos a prudência, a temperança, a coragem, a fortaleza, a justiça, a generosidade, compaixão, a humildade, a tolerância, a misericórdia, a fidelidade, a solicitude e o entusiasmo. No caso dos clientes, razão maior da existência profissional, é de exigir as qualidades morais da sinceridade, confiança, probidade, equidade e tolerância.

Somente pelo exercitar destas virtudes propiciará é que uma pessoa poderá se capacitar a refletir e julgar as situações, muitas vezes imprevisíveis, do cotidiano profissional.

A este respeito, André Comte-Sponville (1995), assim se manifesta:

Das virtudes quase não se fala mais. Isto não significa que não precisamos mais delas, nem nos autoriza a renunciar a elas. É melhor ensinar virtudes, dizia Spinoza, do que condenar os vícios. É melhor a alegria do que a tristeza, melhor a admiração do que o desprezo, melhor o exemplo do que a vergonha. Não se trata de dar lições de moral, mas de ajudar cada um a se tornar seu próprio mestre, como convém, e seu único juiz. Com que objetivo? Para ser mais humano, mais forte, mais doce. Virtude é poder, é excelência, é exigência. As virtudes são nossos valores morais, mas encarnados, tanto quanto pudermos, mas vividos, mas em ato. Sempre singulares, como cada um de nós, sempre plurais, como as fraquezas que elas combatem ou corrigem. Não há bem em si: o bem não existe, está por ser feito, é o que chamamos de virtudes.

Cabe, pois, de modo objetivo, salientar o significado de cada uma destas virtudes assinaladas no contexto da vida profissional:

A Prudência

Os latinos traduziram como “prudentia” a “*phronésis*” dos antigos gregos, que tem o significado de equilíbrio e constitui a virtude da cautela, da precaução, do agir com bom senso. Na prática, a





Os valores morais de uma profissão

José Geraldo de Freitas Drumond

prudência significa a observação sempre atenta e vigilante do saber-fazer profissional.

Para Aristóteles, “*phronésis*” é uma virtude que facilita a escolha dos meios corretos para se obter um bom resultado. Para Cícero, “*prudentia*” provém de “*providere*”, que significa tanto prever como prover. Não pode haver uma virtude mais importante para aquelas profissões que trabalham com o material mais importante do ser humano, que é a sua saúde e qualidade de vida.

A prudência determina o agir pela busca do que é bom e a recusa do que é mau. A prudência deve ser uma companheira fiel de toda decisão do médico: é o decantado bom senso profissional

Das quatro virtudes cardeais – prudência, temperança, coragem e justiça – a prudência, no entender de Tomás de Aquino, deve reger as demais, pois a prudência representa mais uma deliberação, o bem agir. Para André Comte-Sponville, é a prudência “*que separa a ação do impulso, o herói do desmiolado*”. No entendimento clássico, é a virtude do risco e da decisão que, hodiernamente, tem o significado da precaução. É, enfim, o zelo profissional.

Assim é que quando se decide pela melhor opção possível, diz-se que houve prudência.

A Temperança

É a consciência dos limites pessoais e diz respeito à moderação do homem na fruição dos prazeres. Significa saber viver uma vida de moderação ou autodisciplina sem a incoseqüente submissão às paixões, aquilo que poderia ser caracterizado como vício ou desregramento. Trata-se da virtude da sobriedade, tão importante e recomendada aos profissionais que cuidam da saúde, sendo alvos de um elevado conceito social. A sociedade exige mais do comportamento social e pessoal destes profissionais que de outros, daí porque deverão exercitar a coerência entre o discurso e a prática, tendo a sobriedade da vida pessoal como causa

e conseqüência das suas condutas profissionais. Aristóteles afirmava que a temperança é uma virtude cumeada entre dois abismos opostos: a intemperança e a insensibilidade. A temperança é mais reconhecida pelos seus opostos do que pela sua prática, pois, como toda virtude, está sempre no cume, entre dois opostos ou extremos.

Para Tomás de Aquino, a temperança é uma virtude cardeal, e a mais necessária, embora a coragem e a justiça sejam as mais admiráveis.

A Coragem

A coragem consiste numa persistente disposição para o enfrentamento das freqüentes dificuldades que o exercício de uma profissão enseja, desde a estrutura deficiente de atenção às necessidades da população, até aquelas situações em que o profissional terá que valer da sua autoridade em favor do cliente, mesmo que isto possa contrariar outros interesses.

Coragem não é a ausência de medos, mas a disposição de superá-los e, no caso de valor moral profissional, deverá se voltar para a defesa de um interesse social, qual seja, do bem-estar da pessoa e da coletividade.

É Cícero quem invoca a coragem como a arma que permite o homem “enfrentar os perigos e suportar os labores”.

Como virtude, a coragem se encontra no meio (“*In medio stat virtus*”) entre a covardia e a temeridade. Está no cume, como diz Aristóteles, entre dois abismos, entre dois excessos: de um lado a submissão ao medo, a inação e a acomodação e, de outro, a despreocupação com as conseqüências.

A Fortaleza

Fortaleza significa a disposição sempre renovada do profissional em continuar exercendo o seu ofício, embasado nas suas convicções morais e no





seu conhecimento técnico, sempre em benefício do sujeito da sua atuação.

A fortaleza deve ser uma virtude continuamente revigorada pelo estudo e pela atualização permanente da arte ou técnica, associado à reflexão sobre os princípios filosóficos, em que deve assentar todo o ideário profissional.

A Justiça

Justiça é a qualidade moral que compromete o profissional com a sociedade, priorizando a sua atenção na direção daqueles que compõem um estrato social mais injustiçado, geralmente excluídos dos benefícios que a ciência pode propiciar. A justiça, como qualidade moral, concorre para a formação de um profissional preparado para contribuir com a melhoria da qualidade de saúde do seu povo, laborando pela equidade, ou seja, pela oportunidade que todos devem ter, indistintamente, de acesso aos serviços que a profissão oferece.

A equidade está na raiz de uma justiça que tem o pressuposto de que todos os homens nascem iguais em direito e oportunidade e nada melhor do que um profissional consciente de suas responsabilidades para reconhecer esta virtude e comprovar que está exatamente na falta de acesso aos benefícios do conhecimento especializado a maior de todas as injustiças.

A justiça, como uma virtude professada pelo profissional, deve ser, então, a justiça da igualdade de oportunidades, que deve colaborar para que haja redução das desigualdades sociais.

Uma justiça que vai além da mobilidade em direção aos mais necessitados e excluídos, mas que implica, também, na atitude política de denunciar toda situação que dificulte ou impeça a conquista de uma qualidade de vida razoável para todos, independentemente da condição social.

A Generosidade

É uma qualidade moral inata ao profissional das áreas social, educação e saúde, pois quem abraça um serviço nestas áreas já possui uma vocação para a solidariedade, para a prática do “*bonum facere*”, que significa cuidar do outro, promover ou melhorar a sua cidadania. É uma característica sublime da qual nenhum profissional poderá abrir mão, sob pena de não ser mais reconhecido como tal.

A generosidade, no entender de Comte-Sponville “nos eleva em direção aos outros e, poderíamos, dizer, em direção a nós mesmos enquanto libertos de nosso pequeno eu”.

A generosidade, conclui o filósofo, será sempre plural: quando somada à coragem pode se transformar em heroísmo; se adicionada à justiça, resulta em equidade; se somada à paixão, gera a benevolência; se somada à misericórdia transforma-se em indulgência. Mas, ao se somar à doçura o seu nome passará a ser bondade.

A Compaixão

Desinência latina (com: junto; paixão: sofrer) e sinônimo do vocábulo grego “*simpatia*” (*sim*: ao lado e *pathos*: doença), compaixão é a solidária participação do profissional em relação aos sentimentos de seu cliente. É a compreensão da sua dor, física ou psíquica, ou ambas. Não é apenas a consciência de uma situação dolorosa, mas sim o reconhecimento do sofrimento alheio, no sentido de compreender, de fato, a sua necessidade de carinho e afeto.

Compaixão é qualidade moral que não pode ser confundida com a piedade, pois esta representa tão somente o sentimento de tristeza pela infelicidade do outro, uma atitude passiva e até mesmo cômoda. A compaixão é postura ativa de





quem vai ao encontro do sofrimento alheio, para compreendê-lo e ajudá-lo. A compaixão é, portanto, uma ação comitente e nunca passiva ou até negligente, como é a piedade.

A Humildade

É o reconhecimento e a consciência da impotência e da fraqueza humanas. Nada mais angustiante para um profissional dedicado ao serviço do próximo que não poder realizar, de modo adequado, a sua missão. Isto se deve, por um lado, à própria limitação da ciência, que é incapaz de dar respostas para todas as indagações e ter remédios para todos os males humanos. Ainda que a ciência tenha evoluído, as suas verdades continuam efêmeras. Por seu turno, o próprio profissional possui um arcabouço intelectual-cultural sujeito a limitações. É necessário cultivar a humildade profissional como reconhecimento permanente de sua ignorância e disposição permanente da busca por mais conhecimentos. Sócrates afirmava: “*Só sei que nada sei*”, enquanto Terezinha do Menino Jesus conceituava: “*Humilde é quem sabe ser do seu tamanho, nem maior nem menor*”.

A humildade deve ser, pois, uma qualidade moral permanentemente presente na prática profissional, para que ele se conheça, exatamente, o “quantum” possui de conhecimento da sua arte, não se propondo ir além do que a ciência e a sua consciência autorizarem.

A Tolerância

A tolerância ensina reconhecer e respeitar as diferenças entre as pessoas. O mundo está cada vez mais povoado de pessoas que exibem diferentes crenças, ideologias e opiniões. Há, pois, diferentes morais ou moralidades que são merecedoras de respeito. Recordemos Engelhardt (1996) que cunhou o termo “*estranhos morais*” para distinguir as categorias de indivíduos ou grupos sociais que não

comungam a mesma moral, ou seja, existem duas categorias de pessoas, com respeito à moralidade: os “*amigos*” e os “*estranhos morais*”, cujas diferenças devem não só ser conhecidas, mas, sobretudo, respeitadas pelo profissional que cuida de pessoas em todas as suas dimensões. Assim, ele haverá de conviver com situações conflituosas e, por vezes, antagônicas, nas quais deverá agir com o máximo de isenção possível, tendo como meta o respeito à dignidade e à integridade do ser humano.

A tolerância não é uma atitude expectante ou subserviente, mas uma disposição de respeito às diferenças entre pessoas.

Misericórdia

É o atributo moral que propicia às pessoas relevarem as faltas cometidas pelos outros, incluindo as ofensas à sua própria pessoa. Misericórdia é sinônimo de perdão, esquecimento, ausência de rancor em face de atitudes agressivas e injustas de que profissional é alvo no exercício de seu mandato social. Incompreensões e ações infundadas de clientes ou seus familiares podem denegrir a imagem e colocar sob suspeição a honra do profissional. Nestas ocasiões, o profissional necessita reafirmar a sua personalidade altruísta para compreender os fatos, distinguindo o emocional do racional, procurando dialogar com a parte beligerante no sentido de sanar a querela.

Não é uma situação fácil de administrar e, certamente, exige uma maturidade emocional de quem já se encontra muitas vezes fatigado pela carga de trabalho que lhe é imposta, muitas vezes além do que a própria capacidade biológica pode suportar.

Praticar a misericórdia é ter em mente que uma determinada profissão exige de seus cultores um persistente exercício de desprendimento pessoal e a compreensão.

Pode-se medir o grau de desafio desta virtude, quando observamos a grande reflexão de Martin Heidegger, um dos maiores filósofos contemporâ-





neos, sobre a realidade do homem atual:

Nenhuma época acumulou sobre o homem conhecimentos tão numerosos e diversos quanto a nossa. Nenhuma época apresentou tão bem e sob a forma mais tocante seu saber sobre o homem. Nenhuma época conseguiu tornar este saber tão pronto e facilmente acessível. Mas nenhuma época, também, soube menos o que é o homem. Em nenhuma outra o homem apareceu tão misterioso.

A Fidelidade

É a virtude do comprometimento com princípios e normas que regem a profissão. É a fiel observância dos valores morais impregnados na profissão. Tal virtude não significa fundamentalismo doutrinário, pois o profissional não pode ser dogmático, mas sim estar aberto à discussão dos diferentes valores humanos, sem se afastar dos princípios considerados fundamentais para a sua profissão.

Fidelidade é a coerência entre o professado e o praticado, entre o discurso e a práxis; em suma, significa o equilíbrio entre o saber e o saber-fazer.

A fidelidade pode e deve ser entendida, também, como um compromisso para com o cliente, no que tange às suas expectativas e às suas esperanças. Na fidelidade existe amizade, companheirismo, mas sem concessões à verdade, porque se tal ocorresse não existiria o outro componente essencial desta virtude, que é a lealdade.

Enfim, a fidelidade significa a prática dos princípios, a manutenção de um ideal ou de uma vocação de servir, cujo escopo é a lealdade a uma causa social e a quem é o sujeito dela, ou seja, o cliente.

A Solicitude

É a virtude da disponibilidade, da predisposição em servir àqueles que necessitam de nossa arte profissional. É não só atender com alegria

e doçura ao cliente, mas, também, ter tempo para ouvi-lo, ajudá-lo e orientá-lo, tantas vezes e durante todo o tempo que for necessário até se conseguir o resultado desejado.

A solicitude pode ser encarada até como um sacerdócio, ou seja, a dedicação permanente a uma causa social e ao benefício dos outros, até mesmo com sacrifícios pessoais e familiares.

O Entusiasmo

O entusiasmo é uma virtude diferente, mas tão importante quanto às demais, pois expressa a materialização do calor humano que deve contagiar todo o ambiente de trabalho. O entusiasmo representa não só um estado de espírito em relação ao saber-fazer, mas, também, a alegria pelo que se optou por professar. O entusiasmo é a conjunção da coerência com a fidelidade profissional, além de funcionar como mecanismo de promoção do relacionamento profissional/cliente, favorecendo os resultados almejados em um tempo mais precoce.

Não se deve confundir entusiasmo com humor, já que este depende de uma série de fatores e representa somente uma manifestação pessoal independente da relação profissional. Ou seja, o humor não está necessariamente ligado à profissão que se exerce, pois a sua variação ou alternância não se dá em razão desta ou daquela atividade.

Entusiasmar-se não é apenas estar sempre disposto a realizar o melhor, mas fazê-lo com alegria e interação com o ambiente, contagiando a todos da importância, da necessidade e até da beleza que envolve uma profissão que trabalha em benefício do ser humano e da humanidade.



Referências

Comte - Sponville A. *Petit Traité des Grandes Vertus*. (1995) Paris: Presses Universitaires de France.

Drane J. (2004) *Paho y Bioética. ¿Una relación accidental o un compromiso profundo? Diálogo y Cooperación en Salud. Diez años de bioética en la OPS*. Santiago: Unidad de Bioética OPS/OMS Chile.

Engelhardt Jr HT. (1996) *The foundations of Bioethics*. New York: Oxford University Press Inc.

Neves MP. (2003) Thomas Percival: tradição e inovação. *Bioética*. 11(1):11-22.

Parsons T. (1994) "The Professions and Social Structure". *Essays in Sociological Theory*. New York: Free Press, 34-49.

Starr P. (1991) *La transformación social de la medicina en los Estados Unidos de América*. México: Fondo de Cultura Económica.

Correspondência:

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Rua Raul Pompéia 101

Bairro São Pedro

CEP: 30.330-080

Belo Horizonte

Minas Gerais, Brasil

Tel. +55 31 3280-2100

FAX. +55 31 3227-3864

drumond@fapemig.br